

OS PRINCÍPIOS DE GESTÃO E PLANIFICAÇÃO DE PRÁTICAS TURÍSTICAS LIGADAS AO MEIO AMBIENTE: ANÁLISES E QUESTIONAMENTOS SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA.

SANTOS, Rodrigo Amado dos.

Coordenador e docente do Curso de Bacharelado em Turismo da Faculdade de Ciências Humanas – FAHU da Associação Cultural e Educacional de Garça – ACEG. Bacharel em Turismo – Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Mestre em Ciências Sociais - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus Marília.

profrodrigoamado@gmail.com

OLIVEIRA, Hellen Cristina Gonçalves de; PEREIRA, Daniela Alcantara; VILELA, Felipe Gomes.

Acadêmicos do Curso de Bacharelado em Turismo da Faculdade de Ciências Humanas – FAHU da Associação Cultural e Educacional de Garça – ACEG.

hellen_864@hotmail.com; danih.alcantara@hotmail.com; crashrock6@hotmail.com

RESUMO:

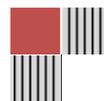
As diferentes atividades do turismo estão interligadas direta e indiretamente a um usufruto das características/peculiaridades do meio ambiente natural. A relação que o fenômeno turístico, independentemente de sua tipologia, segmentação e porte, estabelece para com o meio ambiente, transparecendo características e cuidados que essa ação deve ter ao estabelecer vínculos com recursos naturais, quais tipos de experiência, vivência e valores que este é capaz de possibilitar aos indivíduos que usufruem de seus produtos, serviços e infraestruturas e de como esse atrativo turístico se bem planejado pode ser positivo tanto para o turista quanto para a comunidade local e o ecossistema levando em consideração os princípios da sustentabilidade, tentando assim compreender e delimitar um arquétipo para os indivíduos que se predispõem a consumir esse tipo de turismo. Nesse contexto, toda ação deve ser enxergada por um prisma que retrate claramente como quaisquer efeitos advindos de sua cadeia produtiva devem estar atrelados ao ideal de sustentabilidade, já que o processo de planificação, gestão e operacionalização, quando bem acompanhados e mensurados, devem possibilitar o bem-estar do turista, da comunidade, a preservação da cultura e das peculiaridades da natureza. Tal bem-estar é feito a partir de sanção dos desejos dos turistas, porém não deixando com que estes proporcionem a degradação do meio natural, a perda cultural e danos às esferas sociais, econômicas e políticas de uma sociedade. Todos estes fatores, quando minuciosamente entendidos e mensurados a partir de um ideal sistêmico, deverão satisfazer todos os agentes envolvidos e beneficiados, direta ou indiretamente, pela cadeia produtiva do turismo. Assim, para que isso realmente se concretize, o trabalho aqui proposto indagará sobre a necessidade se observar as peculiaridades existentes para que uma atividade turística atrelada ao meio ambiente possa ser rotulada enquanto sustentável, bem como discutir os princípios e as normativas exigidas pelo ponto de vista da segurança.

Palavras-chave: Experiências Turísticas. Impactos. Planejamento. Sustentabilidade. Turismo e Meio Ambiente.

ABSTRACT:

he different tourism activities are directly and indirectly linked to an enjoyment of the characteristics / traits of the natural environment. The relationship that the tourism phenomenon, regardless of their type, size and segmentation, establishes for the environment, demonstrating features and care that this action should have to establish links with natural resources, what kind of experience, experience and values that this is capable of enabling individuals to enjoy their products, services and infrastructure and how this tourist attraction is well planned can be positive for both the tourists and the local community and the ecosystem, taking into account the principles of sustainability, then trying to understand and define an archetype for individuals who are willing to consume this type of tourism. In this context, any action must be seen through a prism that portrays clearly how any effects arising from the production chain must be linked to the ideal of sustainability, since the process of planning, management and operation, when properly monitored and measured, must allow welfare of the tourist, community, preservation of culture and peculiarities of nature. This welfare is made from fine wishes of tourists, but not letting that these provide the degradation of the natural, cultural loss and damage to the social spheres, and economic policies of a company. All these factors, when thoroughly understood and measured from a systemic ideal, should satisfy all stakeholders and beneficiaries, directly or indirectly by the tourism production chain. So that this actually goes ahead, the work proposed here will ask about the need to observe the peculiarities that exist for a tourism linked to the environment can be labeled as sustainable as well as discuss the principles and norms required by the viewpoint safety.

Key-words: Impacts. Planning. Sustainability. Tourism and Environment. Tourist Experiences.



O turismo vem se difundindo cada vez mais pelo mundo, tornando-se relevante para o desenvolvimento de cenários econômicos, sociais, culturais e até mesmo para a preservação de características ambientais peculiares. Por esse prisma, tal atividade assume figuração importante no processo de gestão e operacionalização de condutas, princípios e normativas ligadas à questão de políticas públicas. Prova disso, de acordo com a Organização Mundial de Turismo – OMT (2009), é o crescimento exponencial experimentado entre os anos de 2000 a 2008, onde as viagens internacionais cresceram 4,2% ao ano, proporcionando as áreas por ela afetadas um fluxo total de 922 milhões de turista em 2008, acompanhado de uma renda de aproximadamente US\$ 5 trilhões.

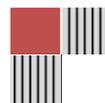
Dentro do contexto da cadeia produtiva do turismo, muitas de suas atividades se ligam a apropriação e o usufruto de características, recursos e atrativos inerentes aos espaços naturais, já que em muitos casos tais atividades necessitam utilizar recursos naturais para o desenvolvimento de práticas, serviços e produtos a serem ofertados aos turistas. Nesse contexto, um ponto interessante e que vai ao encontro de nossa narrativa é a necessidade do homem em buscar espaços naturais. Tal premissa apresentasse enquanto uma constante em uma sociedade pautada por desenvolvimentos tecnológicos e capitalistas que propõem um usufruto/consumo quase que irrestrito dos recursos oriundos do meio ambiente em benefício/acumulo de capital¹.

Prova disso, ao analisarmos as esferas que comandam a sociedade contemporânea, há a possibilidade de se perceber, em alguns lugares mais acentuados do que outros, a existência de algumas conturbações econômicas que fizeram com que houvesse um desequilíbrio/instabilidade na economia mundial. Entretanto, uma das atividades que caminha em sentido oposto a este contexto e que apresenta crescimentos significativos que passaram a se tornar de grande importância mundial foi o turismo. Afinal de contas, de acordo com dados da Organização Mundial do Turismo², nos últimos anos esta atividade se mostra enquanto ícone responsável por gerar renda e empregos diretos e indiretos, sendo tal fato constatado pela UNWTO que estima que o setor seja responsável por 5% do PIB mundial (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2012).

¹ RUSCHMANN, Doris. **Turismo Sustentado para a preservação do patrimônio ambiental** – Revista Turismo em análise. São Paulo: ECA – USP, 1992.

²Ver: MINISTERIO DO TURISMO, Boletim de Desempenho Econômico do Turismo, fevereiro 2012, ano VIV, nº 33. Disponível em:

http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/conjuntura_economica/boletim_desempenho_turismo/download_boletim_desempenho_economico_turismo/BDET33_2_03_FINAL.pdf. Acesso em: 15.mai.2012



A atividade turística, através de uma analogia, poderia ser entendida enquanto uma indústria³ que através da oferta de produtos e serviços é capaz de mercantilizar o tempo livre através do consumo/usufruto consciente de serviços, produtos e atrativos, provendo, dessa forma: renda à comunidade local onde estiver instalada; ao poder público, um instrumento capaz de auxiliar o desenvolvimento social, cultural e econômico de sua localidade, desde que suas ações sejam efetivadas de maneira descentralizada e participativa; ao empreendedor que enxerga nesta atividade a chance de desenvolver um produto/serviço que lhe dê o retorno de capital tão almejado; e a comunidade, não apenas a possibilidade de engrandecer pela renda ou pela diversificação de empregos, mas também a chance de exaltar suas peculiaridades, naturais e/ou culturais, que a distinguem e enaltecem⁴.

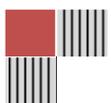
Para tanto, para que se possam atender, de maneira justa, equitativa e equilibrada, os interesses dos agentes apresentados acima, e ao mesmo tempo zelar pelas características impares – sociais, culturais, ambientais, etc. – da territorialidade usufruída e dessa forma se tenha um consumo consciente dos atrativos, há a necessidade de se estabelecer uma ação racional, metódica, coordenada e monitorada destas ações. Nesse contexto, o planejamento assume uma importante função no cenário de desenvolvimento da atividade turística.

De maneira sucinta, Lage e Milone (2000) afirmam que o ato de planejar visa às seguintes etapas: determinação dos objetivos; inventário de todos os recursos turísticos naturais e culturais, com destaque aos seus diferenciais; análise e síntese da situação encontrada; formulação da política e do plano turístico e também recomendações de viabilidade; e implementação e controle do processo total, além de planos de longo prazo e projetos estratégicos. Tais autores chamam atenção ao mencionar que será somente pela aplicação deste contexto que o turismo assumirá sua máxima importância, ocasionando, assim, uma melhoria da infraestrutura local, visto a necessidade de se atender, ao mesmo tempo, as necessidades básicas do turista e da comunidade.

Nesse sentido, o acompanhamento e o monitoramento contínuo de um planejamento, de uma gestão e de uma operacionalização de quaisquer atividades turísticas são primordiais para

³ Segundo Beni (apud. Sessa, 2003) há a possibilidade de se definir tal atividade enquanto uma ação definida e característica do terceiro setor econômico. Entretanto, também há a possibilidade de compreendê-la como uma atividade industrial real porque nela existe um processo de transformação de matéria prima para a elaboração de produtos que são mercantilizados e consumidos por um determinado nicho de mercado.

⁴Ver: Beni (2000); Krippendorf (2001); Panosso Neto e Gaeta (2010)



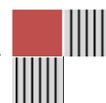
que este seja sustentável⁵, respeitando e protegendo adequadamente o ambiente natural e humano, incentivando a comunidade a não perder seus laços culturais e, oferecer informação havendo uma cumplicidade na preservação ambiental e cultural. Há de se mencionar que existe uma grande diversidade nos tipos de turismo, sendo que os que têm como a natureza sua base são:

Quadro 01: Tipos de atividade turística⁶

Agroturismo	Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para a fruição dos cenários e observação, vivencia e participação nas atividades agropastoris.
Ecoturismo	Denominação dada ao deslocamento de pessoas à espaços naturais delimitados e protegidos. Pressupõem sempre uma utilização controlada da área com planejamento de uso sustentável de seus recursos naturais e culturais, por meio de estudos de impacto ambiental, estimativas da capacidade de carga e suporte do local, monitoramento e avaliação constantes, com plano de manejo e sistema de gestão responsável.
Turismo de Aventura	Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços naturais, com ou sem roteiros programados e ausência ou incipiência de equipamentos receptivos, motivadas pela atração pelo desconhecido e desejo de enfrentar situações de desafio físico e emocional.
Turismo Ecológico	Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços naturais, com ou sem equipamentos receptivos, motivadas pelo desejo/necessidade de fruição da natureza, observação passiva da fauna, da flora, da paisagem e dos aspectos cênicos entorno.
Turismo Paisagístico e Hidrotermal	Refere-se à demanda por núcleos receptores cujo principal produto turístico é a paisagem, os aspectos cênicos da natureza, compreendendo-se ai todos aqueles locais em que características geográficas, ecológicas e mesológicas, combinadas, constituem o principal fator de atração.

⁵De acordo com Lage e Milone (apud. BOO, 2000, pág.27) o conceito de sustentabilidade surge através do Relatório de Brundtland, que o definiu como: “um processo de transformação, no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação da evolução tecnológica e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e o futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas”.

⁶ Fonte: Beni (2003)



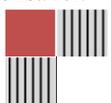
Quadro 01: Continuação.

Turismo Rural	Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite para a fruição dos cenários e instalações rurícolas- nesse sentido, alguns autores valem-se da expressão turismo no meio rural para incluir também agroturismo.
--------------------------	---

O cotidiano agitado conquistado devido às várias mudanças que a urbanização e industrialização trouxeram ao homem, a correria e o cansaço, de certa forma também fizeram com que se tivesse uma vida mais agitada, com várias tarefas no trabalho e em casa, fazendo com que os fins de semanas e férias desejadas não fossem apenas um descanso em casa, mas um refúgio do cotidiano e da mesmice que faz com que em tempo livre tão desejado. O homem com o passar dos anos, com a urbanização, industrialização e as mudanças tecnológicas, alcançou muitos dos seus objetivos porém sua vida tornou-se cheia de obrigações para se manter sempre atual.

Contudo, alcançou com isso agitação e cansaço ocasionados pelo cotidiano, o que faz que busque em dias de descanso ir ao encontro de atividades longe da vida cotidiana, ou seja, buscar na natureza refúgio, e se sentido livre ao que não é o habitual. Esta procura pelo bem estar físico e mental faz com que se invista mais nas atividades turísticas, pois é nela que se encontra atualmente o que se busca não deixando de ser luxuoso ou simples conforme a preferência, mas sempre acompanhada pela beleza e privilégios que a natureza nos oferece. As atividades turísticas relacionadas ao meio natural têm diversas classificações, sendo o ecoturismo⁷ uma delas. Tal atividade cada vez mais vem sendo retratado na mídia e na sociedade em geral, devido a um crescente interesse por suas características, esta possui uma vasta diversidade de ações que a constituem, e que serão apresentadas no quadro abaixo:

⁷De acordo com Beni (2000, pág. 125) tal atividade poderia ser denominada enquanto o “deslocamento de pessoas a espaço naturais delimitados e protegidos pelo Estado ou controlados em parcerias com associações locais e ONGs. Pressupõe sempre uma utilização controlada da área com planejamento de uso sustentável de seus recursos naturais e culturais, por meio de estudo de impactos ambientais, estimativa da capacidade de carga e suporte do local, monitoramento e avaliação constantes, com plano de manejo e sistema de gestão responsável.

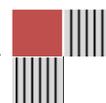


Quadro 02: Tipos de ecoturismo e suas características⁸.

Tipos de Ecoturismo	Atividades Ecoturísticas
Ecoturismo Científico	Estudos e Pesquisas Científicas em Botânica, Arqueologia, Paleontologia, Geologia, Zoologia, Biologia, Ecologia, etc.
Ecoturismo Educativo	Observação da Vida Selvagem (fauna e flora), Interpretação da Natureza, Orientação Geográfica, Observação Astronômica.
Ecoturismo Lúdico e Recreativo	Caminhadas, Acampamentos, Contemplação da Paisagem, Banhos e Mergulhos, Jogos e Brincadeiras, Passeios Montados, etc.
Ecoturismo de Aventura	"Trekking", Montanhismo, Expedições, Contatos com Culturas Remotas, etc.
Ecoturismo Esportivo	Escalada, Canoagem, "Rafting", Bóia Cross, Rapel, "Surf", Vôo livre, Balonismo, etc.
Ecoturismo Étnico	Contatos e integração cultural do ecoturista com populações autóctones (primitivas/nativas) que vivem em localidades remotas em estreita relação com a natureza.
Ecoturismo Naturista	Prática do "Nudismo" ao ar livre e junto à natureza.

Ocorre uma inter-relação entre algumas dessas atividades com áreas específicas do turismo, ou seja, as atividades de turismo cultural, de aventura e o ecoturismo estão interligados, sendo usufruídos e analisados por mais de uma área do turismo. O ecoturismo tem como um dos principais pontos em sua prática e classificação a sustentabilidade, e para que tenha este desenvolvimento sustentável⁵ tem como base essas três vertentes: desenvolvimento econômico; equidade social e equilíbrio ecológico. Havendo um equilíbrio entre estes fatores para que assim possam ser considerados de natureza sustentável. O desenvolvimento econômico é necessário maximizar os lucros, reduzir os custos e promover a expansão de mercado. Para a equidade social é necessário atender as necessidades básicas humanas e do local, autos-suficiência do local e participação e responsabilidade social. O equilíbrio ecológico nada mais é que respeitar a capacidade de suporte do local, conservar, reciclar recursos e reduzir desperdícios.

⁸Fonte: Pires (1996)



Nesse sentido, o acompanhamento e o monitoramento contínuo de um planejamento, de uma gestão e de uma operacionalização de quaisquer atividades turísticas são primordiais para que este seja sustentável respeitando e protegendo adequadamente o ambiente natural e humano, incentivando a comunidade a não perder seus laços culturais e, oferecer informação havendo uma cumplicidade na preservação ambiental e cultural.

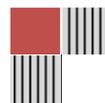
Nesse sentido, inúmeras são as práticas que a atividade turística propõe quando esta se apropria das características e peculiaridades do espaço natural. O ecoturismo e turismo de aventura são exemplos pertinentes, desde que bem planejados e monitorados, da utilização sustentável do meio ambiente. Afinal, são atividades que enfocam passeios através de trilhas, montanhismo, mergulho, rafting, entre outros, para assim conseguir uma aproximação do homem com a natureza, tentando sempre manter o equilíbrio para que não se agrida o meio ambiente. Para tanto, Ruschmann (1994, pág. 35) chama a atenção para

“(...) determinar restrições de acesso e desenvolvimento; impor cotas ou custos extras que limitem a instalação de equipamentos receptivos; delegar poder de decisão às autoridades competentes, responsabilizando-as (...) pelas decisões que envolvem o desenvolvimento⁹”.

No entanto, é preciso avançar rumo a metas mais ambiciosas, para um modelo de maior complexidade, estruturando novos valores e com um suporte imenso de conhecimentos científicos e tecnológicos, um modelo não voltado apenas para a diminuição de impactos ambientais, mas especialmente para criação de um novo limiar de desenvolvimento, no qual, além de se perseguir a viabilidade da atividade turística, procura-se satisfazer as necessidades das comunidades, dos turistas e dos que operam negócios com um critério de sustentabilidade. É importante destacar que esse tipo de medida não impede o desenvolvimento do turismo, e sim o reorienta (MOLINA, 2001)

Dessa maneira, a utilização dos recursos naturais deve ser feita de forma consciente para que próximas gerações possam usufruir desses recursos. Como quaisquer atividades, em especial àquelas desenvolvidas em áreas naturais, há a possibilidade de se produzir impactos tanto positivos quanto negativos. Tudo dependerá do modo como seu planejamento, implantação e monitoramento forem organizados. Afinal de contas, o turismo é uma atividade que se bem planejada e desenvolvida pode trazer as populações locais amplos benefícios, como oportunidade de diversificação e consolidação econômica, geração de empregos, conservação ambiental, valorização da cultura, conservação ou recuperação da auto-estima da

⁹ Ver: RUSCHMANN, Doris. O planejamento do turismo e a proteção do meio ambiente. São Paulo: ECA/USP, 1994.



comunidade local, e poderá tentar alcançar um modelo sustentável de desenvolvimento, desde que ocorra em áreas naturais, beneficiando o meio ambiente e as comunidades visitadas e que promova o aprendizado, respeito e consciência sobre aspectos ambientais e culturais, gerando harmonia e equilíbrio entre os seguintes fatores: resultados econômicos, mínimos impactos ambientais e culturais, e satisfação do cliente e da comunidade.

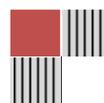
De acordo com o Ministério do Turismo (2012), o Brasil é referência mundial não só por sua biodiversidade e belezas naturais, mas também pelo interesse do governo em um programa de qualificação, normalização e certificação do setor turístico, desenvolvido em resposta à grande informalidade dessa área de atuação. Nesse contexto, surge O Programa Aventura Segura – fruto de convênio com o SEBRAE, ABETA e Ministério do Turismo – vai ao encontro de uma necessidade de um mercado em expansão¹⁰. Desta forma, este abrangerá: um conjunto de ações de fortalecimento institucional, geração e disseminação de conhecimento, qualificação de pessoas e empresas, subsídio à certificação de profissionais e empresas do segmento. Tais ações embasam-se no intuito de dar ênfase na importância de um planejamento coerente, capaz de proporcionar uma aventura segura.

É dever da empresa gerenciar esses impactos de forma sua visão e missão se tornem o mais consciente possível dos efeitos, positivos e/ou negativos, que suas ações podem ocasionar nas características e peculiaridades dos recursos e atrativos naturais que suas estruturas usufruem para a construção e normatização dos produtos e dos serviços a serem ofertados, sempre tendo em vista, o objetivo de, através de ações planejadoras, aprimorar os impactos positivos e buscar ações para diminuir ou compensar impactos negativos.

Vale lembrar que o turismo aventura¹¹ é composto por atividades de aventuras que propiciem condições de segurança, bem-estar e qualidade mais controladas, assim minimizando eventuais riscos e acidentes, propiciando, dessa maneira, resultados qualitativos e satisfatórios. Cada vez mais o turismo aventura vem sendo reconhecido e praticado no

¹⁰ Eis alguns dados interessantes do crescimento do turismo de aventura no Brasil de acordo com o Ministério do Turismo; Gasto médio de viajantes no turismo de aventura cresce 161%. Após seis anos apostando em qualificação e certificação, o Programa Aventura Segura já apresenta números significativos e que fazem do ecoturismo e do turismo de aventura excelentes opções de lazer e de investimentos. Relatório do projeto indica que o tíquete médio por cliente, ou seja, o valor que o turista costuma gastar por atividade durante um dia de viagem, cresceu 161% entre 2008 e 2010. Passou de R\$ 112 para R\$ 293. E o faturamento total do mercado, que era de R\$ 491, 5 milhões, saltou para R\$ 515,8 milhões em 2009. Esses números positivos tornam o mercado mais competitivo e atrai novos públicos, não somente os mais jovens como também famílias, pessoas com deficiências e grupos da melhor idade sabendo que estarão participando de uma atividades totalmente regularizadas, seguras e com profissionais treinados e qualificados (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2012).

¹¹ Nesse segmento, as atividades que mais chamam a atenção são: arborismo, ciclismo, atividades em cavernas, percursos fora de estrada, bungee jump, cachoeirismo, canionismo, caminhadas, escaladas, montanhismo, rapel, tirolesa, boia-cross, canoagem, mergulho, asa delta, balonismo, parapente, paraquedas.



Brasil e isso se deve à potencialidade geográfica e dos recursos naturais encontrados no país, bem como ao processo de planificação, gestão e operacionalização das empresas que se ligam a este segmento da cadeia produtiva turística nacional. De acordo com uma pesquisa feita em parceria entre a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura, o Ministério do Turismo e o SEBRAE Nacional (2007, pág. 01)¹²:

O turismo de aventura passa por uma importante expansão e em 2008 deve faturar R\$ 490 milhões. (...) O mercado de Turismo de Aventura (TA) já conta com mais de 1,5 mil empresas, que empregam mais de 8 mil funcionários, número que salta para quase 25 mil de trabalhadores nos períodos de alta temporada. (...) Segundo a pesquisa, o tempo médio de atuação das empresas no setor é de quase 09 anos e o número de clientes atendido por empresa é de 2,6 mil por ano

O Brasil esta investindo no processo de normalização¹³ em Turismo de Aventura. Por se tratar de um país tropical de grandes extensões territoriais, este possui grandes vantagens para a prática desse tipo de atividade e isso se deve à potencialidade geográfica e dos recursos naturais encontrados no país¹⁴.

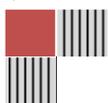
As atividades de aventura podem ocorrer em qualquer localidade, seja esta: natural, rural, urbano, construído, em áreas protegidas ou não. Com isso, há a necessidade de se ter um determinado esforço no que tange o processo de prevenção de quaisquer tipos de riscos relativos à sua prática e que podem variar de acordo com a intensidade, a exigência de cada atividade e a capacidade física e psicológica do praticante¹⁵. Justamente por isso, entende-se a necessidade de se trabalhar diretrizes, estratégias, normas, regulamentos, processos de certificação, questões relativas à acessibilidade para que se possa ofertar o turismo de maneira mais qualitativa e segura.

¹² Disponível em: <http://www.abeta.com.br/aventura-segura/campanha/final/arquivos/Releases/Relat%C3%B3rio%20Diagn%C3%B3stico%20do%20Turismo%20de%20Aventura.pdf>. Acesso em: 01.jun.2012

¹³ “O crescimento reforça o intenso trabalho de qualificação que vem sendo feito com o segmento de aventura no Brasil. O trabalho junto às empresas de turismo de aventura e a própria mobilização dos empresários de divulgar os avanços com relação às Normas Técnicas e a participação no Programa Aventura Segura reforça esse cenário”, destaca Gustavo Timo, Gestor Técnico do Programa Aventura Segura (ABETA, 2007, pág. 01)

¹⁴ O Brasil tem uma área total de 8.514.876 km² que inclui 8.456.510 km² de terra e 55.455 km² de água. A maior parte de seu clima é tropical, embora algumas zonas possam ser classificadas como temperadas. O país ocupa 20,8% do território das Américas e 47,7% da América do Sul, sendo o quinto no mundo em extensão territorial, superado apenas pela Rússia, Canadá, China e Estados Unidos da América. O litoral do Brasil tem 7.408 quilômetros de extensão, ou 9.198 se forem computadas todas as reentrâncias. Ao todo, 17 dos 27 Estados do país são banhados pelo mar. A maior parte está localizada na Bahia, com 932 quilômetros (12,5% do total). Ver: IBGE (2011)

¹⁵ No que diz respeito à adaptação deste tipo de atividade a uma necessidade física de seu praticante, como por exemplo, indivíduos portadores de necessidades especiais, há a exigência de se ofertar equipamentos adequados às suas condições, facilitando a prática de todas as pessoas sem se importar com qual capacidade ela tiver.



Segundo o Ministério do Turismo (2012), as atividades do turismo de aventura são formadas por jovens e adultos, mas estão despertando interesse em crianças visto que acabam estimulando cada vez mais a prática, por causa de suas distintas atividades. Neste cenário, poder-se-ia também mencionar, enquanto ponto fundamental, a questão da acessibilidade¹⁶, que de maneira sucinta, apresentaria a prática de determinadas ações por pessoas portadoras de necessidades especiais em toda a área de um estabelecimento turístico, tendo que lhes oferecer amplo acesso as dependências, estruturas, equipamentos e serviços que por sua cadeia produtiva é estruturado, ofertado e usufruído por quaisquer tipos de turistas, sem restrições.

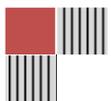
Nesse sentido, o Turismo de Aventura pode apresentar diferentes aspectos no que tange sua operacionalização, equipamentos utilizados, habilidades e técnicas solicitadas para o atendimento e a prevenção de riscos. Dessa maneira o processo de planificação, gestão e operacionalização desse tipo de atividade exige de seu interlocutor a atenção aos seguintes pontos (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010)¹⁷:

1. **Diversidade:** é o que chama a atenção dos turistas no momento de estruturação de produtos/serviços. Por causa das variedades geográfico-paisagísticas existentes em nosso território, há a possibilidade de se estruturar distintos tipos de ações que se ligam ao universo da aventura. Durante a percepção/concepção dessas peculiaridades, o gestor deverá ter ciência sobre como as características aqui evidenciadas são responsáveis por instigar/incitar o processo de consumo, principalmente se chamam a atenção de pessoas que buscam de desafios e experiências inusitadas.
2. **Gestão de Riscos:** A prática dessa atividade é feita por exposição a riscos de pessoas e matérias, assim há a necessidade de se ter um cuidado redobrado aos princípios que regem e normatizam o processo de segurança, reforçando-os ao máximo, para que se evitem quaisquer tipos de ocorrência. Para tanto, julga-se relevante uma análise

¹⁶ A questão da acessibilidade apresentasse enquanto ponto demasiadamente importante no que tange o processo de gestão e operacionalização da atividade turística. Suas ações são previstas pela lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000, onde há a possibilidade de se observar as normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação.

¹⁷ Disponível em:

http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Aventura_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 10.jun.2012



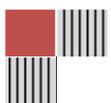
sistemática que apresente um conjunto de estratégias capazes de melhorar, continua e qualitativamente, a segurança de um determinado produto de aventura, ofertando, dessa maneira, mais segurança para o turista.

3. **Participação e Interação:** A participação e a realização das atividades dos turistas são fundamentais, visto que o que o gestor busca é propiciar o contato entre pessoas e a natureza, e, de uma maneira positiva, conscientizar e sensibilizar os turistas sobre limites e saberes próprios desse ambiente, além é claro a possibilidade de se proporcionar a diversão e um instrumento de ação capaz de propor engrandecimento cultural, social e ambiental aos seus participantes.
4. **Equipamentos:** é um dos itens mais importantes para o Turismo de Aventura. Nesse sentido, tais objetos devem ser examinados todos os dias, enquanto medidas preventivas para que não haja nenhum tipo de acidente. Nesse sentido, requisitos técnicos que promovam a capacitação e a segurança para a atividade são pontos de fundamental relevância, lembrando que há equipamentos adequados para cada tipo de atividade e de pessoa.

Assim, durante seu processo de estruturação, o turismo de aventura deverá contemplar pontos importantes e que versam sobre a importância do uso, da conservação, da manutenção e do armazenamento adequado dos equipamentos, sendo que estes últimos deverão, continua e qualitativamente, serem submetidos a monitoramentos quanto à integridade dos materiais, seu correto funcionamento e outros itens pertinentes que possam afetar a segurança. Um exemplo que ilustra a relevância da narrativa acima, expondo a importância da conservação dos materiais utilizados nestas práticas, fora apresentado em uma matéria no Diário de São Paulo, publicada em 09 de janeiro de 2012 (09/01/2012). Erin Langworthy, de 22 anos, sobreviveu a uma queda de bungee jump de 100 metros de altura no Zimbábue, no Rio Zambeze, perto das cataratas Vitória. Sua corda se rompeu durante o salto e ela caiu dentro do rio, com os pés ainda amarrados. Tal evento, por sorte, apenas proporcionou a fratura de sua clavícula e algumas escoriações por seu corpo¹⁸.

¹⁸ Ver:

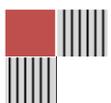
<http://www.diariosp.com.br/noticia/detalhe/9391/Mulher+sobrevive+a+acidente+de+bungee+jump>. Acesso em: 10. jun.2012.



Assim, há a necessidade de nos questionarmos, sempre e a todo o momento, sobre os aspectos ligados ao processo de planejamento e gestão deste tipo de segmento turístico, indagando-nos sobre pontos como: segurança, equipamentos, infraestrutura, capacitação profissional e conscientização de riscos/benefícios dessa prática, observando a situação geral destes pontos nos dias de hoje, de forma a se buscar um entendimento sobre como as experiências turísticas se formam e se propagam nesse tipo de atividade, buscando, assim, compreender e delimitar um arquétipo para os indivíduos que se dispõem a consumir esse tipo de turismo.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 2000.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.
- LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.
- LINDBERG, K. **Ecoturismo**: uma guia para planejamento e gestão. 5.ed. São Paulo: SENAC, 2005.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Boletim de desempenho econômico do turismo**. Brasília, Ano VIV, nº33, fevereiro de 2012. Disponível em: http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/conjuntura_economica/boletim_desempenho_turismo/download_boletim_desempenho_economico_turismo/BDET_33_2_03_FINAL.pdf. Acesso em: 15.mai.2012
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo de aventura**: orientações básicas. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Aventura_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 10.jun.2012
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo de Aventura**. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/aventura.html. Acesso em: 10.jun.2012
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Panorama do turismo mundial**. Disponível em: http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/estatisticas_indicador



es/downloads_estatisticas/Estatxstica_e_Indicadores_de_turismo_no_Mundo_-_2009_1__3_.pdf. Acesso em: 28.mai.2012

MOLINA, S. **Turismo e ecologia**. Bauru: Edusc, 2001.

PANOSSO NETO, Alexandre; GAETA, Cecília. **Turismo de experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.

